

ARISTÓTELES
E
A
ARTE POÉTICA

Aristóteles e a Arte Poética

Dados Internacionais da Catalogação na
Publicação (CIP)

M543 Escriba de Cristo, 1969 –

ARISTÓTELES E A ARTE POÉTICA

Itabaiana/SE Amazon.com

Clubedesautores.com.br, 121 p. ; 21 cm

ISBN: 9781085826884

1. Filosofia 2. Aristóteles 3. Antiguidade 4 . Arte 5 –
Poesia Título

CDD 100

CDU 10

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CGC 66.504.093/0001-08

INTRODUÇÃO

Desde o primeiro capítulo, do primeiro parágrafo Aristóteles revela qual o seu objetivo com este livro: O genial Aristóteles elabora um tratado sobre a arte das poesias e seus respectivos gêneros que estavam em ampla floração naquele período clássico da cultura grega. Quem for ler este livro vai ficar maravilhado como um homem que viveu milênios atrás demonstrava uma capacidade de organização mental para dissecar uma atividade humana e classificá-la com tanto detalhes. A Arte Poética de Aristóteles esbanja a fonte inesgotável de conhecimento sobre o tema que o filósofo Aristóteles possuía. Quem ama a leitura, esta é uma leitura obrigatória.

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) foi um dos mais importantes filósofos gregos e o principal representante da terceira fase da história da filosofia grega “a fase sistemática”.

Escreveu uma série de obras que falavam sobre política, ética, moral e outro campos de conhecimento e foi professor de Alexandre, o Grande (356 a.C-323 a.C.)

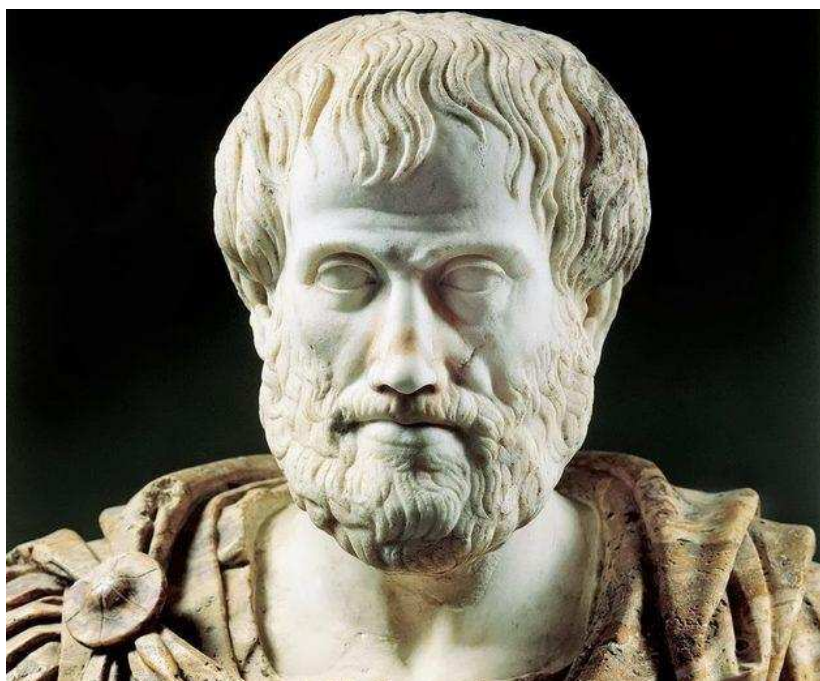
Biografia

Aristóteles nasceu em Estagira, na Macedônia, em 384 a.C. Com 17 anos, partiu para Atenas e começou a frequentar a Academia de Platão.

De origem aristocrática, causou admiração pelo seu comportamento requintado e pela sua inteligência. Logo se tornou o discípulo predileto do mestre, que observou:

“Minha Academia se compõe de duas partes: o corpo dos estudantes e o cérebro de Aristóteles”.

Com a morte de Platão, em 347 a.C., o brilhante e famoso aluno se considerava o substituto natural do mestre na direção da Academia. Porém, foi rejeitado e substituído por um ateniense nato.



Aristóteles

Decepcionado, deixou Atenas e partiu para Atarneus, na Ásia Menor – então grega. Foi conselheiro de estado de um antigo colega, o filósofo político Hermias.

Aristóteles e a Arte Poética

Casou com Pítia, filha adotiva de Hermias, mas quando os persas invadiram o país e mataram seu governante, ficou novamente sem pátria.

Em 343 a.C., foi convidado por Filipe II da Macedônia para preceptor de seu filho Alexandre. O rei queria que seu sucessor fosse um requintado filósofo. Assim, como preceptor na corte da Macedônia durante quatro anos, teve a oportunidade de prosseguir suas pesquisas e desenvolver muitas das suas teorias.



Alexandre escuta atentamente seu preceptor Aristóteles

Quando retornou a Atenas, em 335 a.C., Aristóteles decidiu fundar sua própria escola chamada Liceu por estar situada no edifício dedicado ao deus Apolo Lício.

Além dos cursos técnicos para os discípulos, dava aula ao povo em geral. No Liceu, estudava-se geometria, física, química, botânica, Astronomia, Matemática, etc.

Em 323 a.C., com a morte de Alexandre Magno, rei da Macedônia, que então dominava a Grécia, Aristóteles foi acusado de ter apoiado o governo déspota e resolveu abandonar novamente Atenas.

Um ano depois, em 322 a.C., Aristóteles morreu em Cálcis, na Eubeia. Em seu testamento determinou a libertação dos seus escravos.

A influência de Aristóteles sobre o desenvolvimento da Filosofia no mundo ocidental foi enorme, notadamente na Filosofia Cristã de São Tomás de Aquino durante a Idade Média. Sua influência se faz sentir até os nossos dias.

Platão e Aristóteles

Aristóteles, muitas vezes, fez objeções ao idealismo de seu mestre Platão.

Para Platão existem duas categorias de seres: o mundo sensível (aparência) x mundo inteligível (essência). Assim, nenhum objeto concreto conseguiria representar a si mesmo na sua totalidade. Somente a ideia asseguraria o conhecimento seguro que seria acessada pelo intelecto, pela razão.

Por sua vez, Aristóteles afirmava que só havia um mundo. A grande diferença era como conhecemos este mundo, pois captaremos através dos sentidos e do intelecto.

Ele cria o conceito de substância ao afirmar que não existe a ideia de um objeto e o dito objeto.

Por sua vez, Aristóteles afirmava que só havia um mundo. A grande diferença era como conhecemos este mundo, pois captaremos através dos sentidos e do intelecto.



Detalhe do afresco que mostra Platão e Aristóteles discutindo rodeado de discípulos

Por exemplo:

Pense numa cadeira. Se fizermos esta pergunta para dez pessoas, certamente cada pessoa imaginará uma cadeira diferente.

Platão diria que não seria possível entender a "cadeira" através de um objeto concreto, pois há várias

diferença entre elas. Somente a ideia de "cadeira" é que nos garantiria a existência desse objeto.

Por sua parte, Aristóteles afirmaria que era possível superar a ideia abstrata e conhecer a cadeira através de características como o material, a forma, a origem e a finalidade de um objeto.

Aristóteles manifestou a opinião de que todos os objetos da Natureza estavam em constante movimento. Classificou, pela primeira vez, os tipos de movimento, reduzindo-os a três fundamentais: nascimento, destruição e transformação.

Principais Ideias de Aristóteles

A filosofia de Aristóteles abrange a natureza de Deus (Metafísica), do homem (Ética) e do Estado (Política).

Metafísica Aristotélica

Para Aristóteles, Deus não é o Criador, mas o motor do universo. Deus não pode ser resultado de alguma ação, não pode ser escravo de amo algum.

Ele é a fonte de toda a ação, o amo de todos os amos, o instigador de todo o pensamento, primeiro e último Motor do Mundo.

Aristóteles trata dos seguintes princípios:

- Identidade - Uma proposição é sempre ela mesma;
- Não contradição - Uma proposição somente pode ser falsa ou verdadeira e não ambas;

- Terceiro excluído - Não existe terceira hipótese para uma proposição: apenas falsa e verdadeira.

Além disso, sugere as quatro causas para a existência das coisas:

- Causa material - indica do que é feita a coisa;
- Causa formal - indica qual a forma da coisa;
- Causa eficiente - indica o que dá origem à coisa;
- Causa final - indica qual a função da coisa.

Ética

Segundo Aristóteles tudo tende ao bem, pois o bem é o fim de todas as coisas.

Acrescenta que há duas formas de alcançar o bem. Uma através de atividades práticas, onde se incluem ética e política, outra através de atividades produtivas, onde se incluem artes e técnicas.

Segundo o pensamento aristotélico, a felicidade é o único objetivo do homem. E se para ser feliz, é preciso fazer o bem a outrem, então o homem é um ser social e, mais precisamente, um ser político. Com efeito, cabe ao Estado “garantir o bem-estar e a felicidade dos seus governados”.

Política

Como Platão, Aristóteles escreveu em um período de profunda crise na Democracia escravista.

Preocupou-se com as formas de governo, considerando legítimas a Monarquia, a Aristocracia e a Democracia. Escreveu um longo tratado "A Política" onde analisou os regimes políticos e as formas do Estado.

Obras

- Lógica - "Sobre a Interpretação", "Categorias", "Analíticos", "Tópicos", "Elencos Sofísticos" e os 14 livros da "Metafísica", que Aristóteles denominava "Prima Filosofia". O conjunto dessas obras é conhecido pelo nome de "Organon";
- Filosofia da Natureza - "Sobre o Céu", "Sobre os Meteoros", oito livros de "Lições de Física" e outros tratados de história e vida dos animais;
- Filosofia Prática - "Ética a Nicômano", "Ética a Eudemo", "Política", "Constituição Ateniense" e outras constituições;
- Poéticas - "Retórica" e "Poética".

Frases de Aristóteles

- Nunca existiu uma grande inteligência sem uma veia de loucura.
- As pessoas dividem-se entre aquelas que poupam como se vivessem para sempre e aquelas que gastam como se fossem morrer amanhã.
- O sábio nunca diz tudo o que pensa, mas pensa sempre tudo o que diz.
- A alegria que se tem em pensar e aprender faz-nos pensar e aprender ainda mais.
- Valor fundamental da vida depende da percepção e do poder de contemplação ao invés da mera sobrevivência.
- Nosso caráter é o resultado da nossa conduta.

- Valor final da vida depende mais da consciência e do poder de contemplação, que da mera sobrevivência.
- Tive pena do ser humano por trás do erro, e não de seu caráter. (106)

A “Arte Poética” de Aristóteles é uma reflexão do grande filósofo sobre os problemas da arte e em especial aos da literatura. O propósito do texto é tratar da natureza e espécies da poesia e da estrutura que deve ter as fábulas para o bom êxito do poema.

Aristóteles distinguiu cuidadosamente o domínio da arte ,em geral, e o domínio da poesia, em particular, analisando os textos poéticos na sua diversidade em Propírica e classificando-os em função dos seus caracteres formais e semânticos.

Segundo o filósofo o fundamento da poesia se constitui na imitação e por isso há duas causas: “Imitar é uma qualidade congênita dos homens”, a outra que “Todos apreciam as imitações”. Na imitação, a poesia se

aparenta com a filosofia, enfatiza os “homens em ação”, suas características, suas paixões e ações.

A mimese tanto constitui a unificação dos textos poéticos quanto seu diferenciador. Na poética aristotélica a distinção dos textos tem seus critérios que consistem nos meios, objetos e modos. A mimese por meios diferentes, nos quais é possível distinguir poesias em que ocorram simultâneos o ritmo, o canto e o verso (comédia e tragédia), ou os gêneros em que a poética utiliza esses elementos, porém, de forma parcial (como o canto na tragédia e na comédia que só é utilizado nas partes líricas).

Referentes aos objetos da mimese poética, os gêneros literários são classificados – conforme “os homens em ação” – ou seja, sob o ponto de vista moral desses homens, sendo eles superiores, inferiores ou semelhantes à média humana.

A distinção segundo os modos se dá no momento em que o poeta pode imitar os idênticos objetos, utilizando os mesmos meios, entretanto, adotando diferentes modos, sendo eles: o narrativo e o dramático.

O narrativo consiste na imitação narrativa, é dividido em dois sub-modos: no primeiro, o poeta pode narrar através de um personagem, ou narra por si mesmo este considerado por Aristóteles como digno de louvor, aquele, censurável e próprio de maus poetas. O segundo sub-modo narrativo, caracterizado pelos poemas épicos, aproxima-se do dramático e assim, Aristóteles qualifica os poemas de Homero como imitações dramáticas, já que não é possível imitar várias partes da ação num desenvolvimento contínuo, mas apenas a cena em que os atores estão atuando.

A poética aristotélica faz distinção das modalidades da poesia, tanto em elementos relativos ao conteúdo, quanto aos relativos à forma e organização estrutural dos textos.

É evidente sua resistência ao reconhecimento da lírica como uma modalidade poética equiparável à narração à narração e à poesia dramática. Entretanto, a tragédia é a base da teoria de Aristóteles, posto que, dos vinte e seis capítulos de sua poética, dezessete são dedicados ao estudo da mesma. A tragédia é então a imitação da ação de um homem de caráter elevado que

visa a purificação das emoções (catarse) e suscita o temor e a piedade no expectador sendo suas partes qualitativas: o mito (imitação e composição das ações), o caráter (qualidade moral), o pensamento (elemento lógico), a elocução (falas), a melopéia e o espetáculo (canto oral).

É no capítulo XXIII que Aristóteles dá início à abordagem do segundo modo de representação poética a epopeia (imitação narrativa metrificada).

As determinações quanto à composição da epopeia são as mesmas do gênero trágico, devendo estar “em torno de uma ação inteira e completa, com início, meio e fim”. Incidirá em erro o poeta épico que proceder como um historiador, visto que, o relato de fatos que não se ligam a um objetivo comum apenas distorcem o propósito da obra. Neste ponto mais uma vez Aristóteles elogia Homero quando no canto II de A Ilíada o poeta não tentou narrar por inteiro a guerra de Troia, embora ela tenha tido um começo e um fim. É neste ponto que se deve observar a verossimilhança como critério fundamental do conceito aristotélico de mimese; significa

que, o objeto da representação do poeta não é o que de fato acontece, mas, o que é possível acontecer.

A epopeia para Aristóteles deve apresentar as mesmas espécies da tragédia: simples, complexa, de caracteres e de efeito violento, como também as mesmas partes, com exceção da melopeia e do espetáculo cênico. requer ainda partes do mito, peripécias, reconhecimentos e catástrofes, sendo que o pensamento e a linguagem devem ser excelentes.

Melodia monótona, música, toada, canto rítmico que acompanha a declamação.

Ele compõe bonitas **melopeias** para as crianças dormirem.

No capítulo XXIV encontram-se as diferenças entre epopeia e tragédia, a primeira é a extensão, diferente da tragédia é permitido à epopeia ampliar sua extensão devido ao não uso de um único lugar cênico; a segunda diferença diz respeito ao metro, que segundo o filósofo o único adequado à epopeia é o verso heroico por ser mais grave e amplo.

A conclusão da poética se dá no capítulo XXIV com a afirmação da necessidade de esforços para uma linguagem mais apurada dos poetas, mas somente nas partes que não contenham ação, caracteres e pensamento, visto que, uma elocução brilhante pode ofuscar esses componentes.

Antônio Cândido Francisco no Dicionário de Termos Literários traz o seguinte texto no verbete sobre a Arte poética de Aristóteles:

Arte poética é expressão que remete, em primeiro lugar, para Aristóteles (384-322 a. C.) e para o seu conhecimento tratado sobre a poesia. Ao que se pensa e julga saber, este tratado, composto na parte final da vida ao autor, revela do caráter acromático de importante parte do corpo textual aristotélico. Recorre, contudo, a um texto anterior, produzido em contexto muito mais aberto, o diálogo *Dos Poetas*, onde alguns dos motivos estruturadores da arte poética aristotélica, como a “imitação” ou a “catarse”, tinham sido já, ao que parece, visto que o diálogo se perdeu e só muito posteriormente foi reconstituído, expostos e desenvolvidos.

A Arte Poética de Aristóteles era, na sua origem, constituída por dois livros e não apenas por aquele que hoje conhecemos e a tradição nos legou e que passa por ser o primeiro dos dois. Tanto as paráfrases árabes do texto, da autoria de Avicena (séc. XI) e de Averróis (séc. XII), como a versão siriáca em que ambas se inspiram (séc. VII), de que resta hoje um fragmento, desconheciam já a existência do segundo livro da *Poética*. O carácter acroamático do texto, muito mais destinado ao esclarecimento de discípulos que ao manuseamento do público, explica, pelo menos em parte, o desaparecimento do livro, que versaria, ao que se sabe, a comédia, como o primeiro versa a tragédia.

A *Arte Poética* de Aristóteles, tal como hoje a conhecemos, divide-se em duas partes. A primeira desenvolve um conceito de poesia como imitação de acções, que se afasta, ou mesmo contrapõe, ao de Platão, para quem a poesia era narração e não imitação (cf. Livro III, *A República*). A arte poética em Aristóteles requer operadores diretos, agentes ou personagens, enquanto em Platão exige (apenas) recitadores. A imitação aristotélica, processando-se por meios, objetos e

modos diferentes, não se confunde, porém, com cópia ou reprodução fiel da realidade, carregando antes, pela percepção do geral a que filosoficamente aspira, criação autónoma e transfiguração heterogénea. A segunda parte da *Poética*, a mais extensa, estuda a tragédia, uma das espécies ou gêneros da poesia dramática, e faz a comparação da tragédia e da epopeia, um gênero da poesia narrativa ou não-dramática.

Seria, contudo, flagrante injustiça ver apenas no texto de Aristóteles um códice técnico de dois gêneros poéticos, a tragédia e a epopeia, como aconteceu durante muitos e muitos anos, onde sobressaem os do Renascimento com as suas paráfrases normativas, ou um sistema de elaboradas regras, capaz de constituir um cânone compositivo, seguro e perfeito. A *Arte Poética* de Aristóteles aparece-nos hoje, depois do romantismo e dos modernismos, não só como exemplo de rigor e fundamento de estudos clássicos, o que nunca deixou de ser, mas, sobretudo, como o primeiro texto que tentou com êxito compreender e problematizar a singularidade do fenómeno poético. O livro do estagirita dedicado à poesia tem o enorme mérito

de ser um estudo empírico e descritivo, que parte quase sempre dos fenômenos para as leis e não destas para aqueles, o que lhe assegura uma perenidade invejável. Trata--se de uma poética generativa, se assim podemos dizer, e não normativa, dos textos poéticos.

Neste sentido, a reflexão aristotélica não terminou ainda; a arte poética continua viva e de excelente saúde. Se, por um lado, a *Poética* continua a ser indispensável para aqueles que queriam conhecer o funcionamento não da tragédia enquanto gênero universalmente válido, o que foi o erro das poéticas latinas e renascentistas, de Horácio a Boilaeu, mas da tragédia circunscrita ao tempo de Aristóteles, o que leva a aceitar que sem o estagirita os trabalhos sobre a tragédia de Wilamowitz ou de Nietzsche dificilmente poderiam ter sido escritos, por outro, o livro do grego mostra-se, em termos de teoria da literatura, o primeiro elo de uma cadeia que, até aos seus mais recentes desenvolvimentos, de Jakobson a Todorov, nunca o dispensou, até quando contra ele pensa, o que, diga-se, poucas vezes tem acontecido.

Entre nós, António Telmo, na linha de um neo-aristotélico como Álvaro Ribeiro, deu recentemente à

estampa um livro chamado *Arte Póetica* (1963; 1993), onde se percebe a atualização, em termos de modernidade literária portuguesa, de Pessoa a Cesariny, da matriz aristotélica, e isso mesmo quando o autor, que pretende passar de uma filosofia especulativa a uma filosofia operativa, de tipo dramática, conduzindo o pensamento à linguagem e detectando nesta uma energia activa, nos lembra, por subrepção, as concepções linguísticas do *Crátilo* de Platão.

ARTE POÉTICA

CAPÍTULO I

Da poesia e da imitação segundo os meios, o objeto e o modo de imitação

Nosso propósito é abordar a produção poética em si mesma e em seus diversos gêneros, dizer qual a função